



# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

## TRANÇANDO LAÇOS E HISTORICIDADE: a Educação Infantil e as representações étnico-raciais da infância

Joselma Santos VIANA UFMA/GEPEID/PPGEEB  
e-mail: [joselmasv@gmail.com](mailto:joselmasv@gmail.com)

José Carlos de MELO UFMA/GEPEID/PPGEEB  
e-mail: [mrzeca@terra.com.br](mailto:mrzeca@terra.com.br)

### INTRODUÇÃO

Trançando laços e historicidade na introdução deste relato de experiência... Na primeira “mecha”, deste trançado, temos a intenção de sensibilizar o nosso olhar para promover a qualificação do fazer-reflexivo, diante das experiências educativas e oportunizar a aprendizagem sobre a nossa história, a nossa identidade e do nosso fazer profissional. Para tanto, ao longo desta escrita descrevemos memórias e estabelecemos o diálogo com diferentes autores, com a literatura infantil e a musicalização, possibilitando o resgate e a aproximação de conceitos que são para nós muito caros e nos foram apresentados a partir dos estudos sociais da infância.

Sabemos que as instituições educativas são espaços privilegiados para a percepção das diversidades, neste sentido, vale ressaltar que assim, como em qualquer outro espaço podemos nos deparar com diferentes tipos de experiências sejam elas positivas e ou negativas. Para o desenvolvimento dessa proposta, optou-se por trazer este tema da diversidade étnico-racial por entendermos que as crianças não estão alheias ao mundo em que vivem e por compreendermos a importância de mediar tal discussão.

Assim, partimos da seguinte questão norteadora: Como estamos fomentando a educação para as relações étnico-raciais no contexto das instituições de Educação Infantil? Dessa forma, o nosso trançar, foi dividido em três “mechas”: iniciamos trançando laços e historicidade nesta introdução, na segunda seção têm uma breve contextualização sobre a educação para as relações étnico-raciais na infância, na terceira seção uma abordagem sobre as culturas infantis e a socialização das representações étnico-raciais e, por fim, as considerações finais.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Assim, quanto à metodologia o procedimento da pesquisa é do tipo Revisão de Literatura e serão realizadas reflexões a partir de textos de teóricos que discutem sobre a área e destacadas experiências dos espaços educativos, entre vivências da rotina com musicalização, com a literatura, entre outras expressões artísticas da sociedade e para além da análise do texto um olhar, especial para as representações da identidade e da cultura negra.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### A Educação para as Relações Étnico-Raciais à Infância

Nesta segunda “mecha”, faremos uma reflexão acerca da observação do nome e letra da música infantil “Como é que penteia o cabelo do Leão?” (Disponível

REALIZAÇÃO



APOIO





# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

em: <https://www.youtube.com/watch?v=yguy0DcXEfQ>). A princípio não faríamos nenhuma relação com as questões étnico-raciais na infância, primeiro porque no vídeo da música, de fato, observamos que se trata de um leãozinho, segundo porque na letra aborda a questão da higiene (o banho, o lavar e pentear o cabelo...) e terceiro por transcrever apenas a diversidade de cabelos. Mas, porque então chamamos a atenção para o nome desta música?

Trançando laços e historicidade desta música, com realidades já vivenciadas, atribuímos à relação com a categoria diversidade étnico-racial, pois, se pararmos para pensar na diversidade de cabelos e conseqüentemente de pessoas existentes, não podemos negar que exista uma diversidade racial, assim também não podemos minimizar a existência de um estranhamento por parte de muitos.

Ao longo das nossas vivências destacamos alguns “apelidos” que escutamos entre as crianças, quando falamos de cabelo de crianças negras (cabelo de leão, juba de leão...). A criança “negra aprende, desde muito cedo, a se anular, a não se ver em algum lugar, a silenciar, a não contar aspectos positivos de seus antepassados. Aprende a se negar, a negar sua raça e sua identidade” (CARVALHAR; PARAÍSO, 2010, p. 51).

Afirmar que a escola é um dos locais primordiais para mediar diálogos que venham intervir socialmente na mudança de pensamentos e atitudes racistas é legítima, assim não podemos omitir o fato, de que existem mecanismos legais que asseguram à educação básica as discussões sobre as relações étnico-raciais, como “a Lei nº 10.639 sancionada em 2003 e institui o ensino da cultura e história afro-brasileiras e africanas, e a Lei nº 11.645 complementa a Lei nº 10.639 ao acrescentar o ensino da cultura e história indígenas” (MARANHÃO, 2019, p. 35).

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da educação básica possui as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI que focam os eixos norteadores das práticas pedagógicas como sendo as interações e as brincadeiras que perpassam pelos seguintes princípios: Éticos, Políticos e Estéticos (BRASIL, 2010). Tais princípios deverão embasar os currículos e as práticas pedagógicas da Educação Infantil, possibilitando descobertas, ampliando experiências, impulsionando reflexões e assegurando as vivências no contexto de igualdade perante a diversidade.

Ferreira (2015, p. 68) conclui que:

A Lei nº 10.639/03, como vimos, oficializa a inserção da discussão sobre a história da África no ensino fundamental e o que era tema transversal, vira parte integrante do currículo. Na educação infantil, as DCNEI (2009) apontam o respeito às diferentes culturas, identidades e singularidades como um dos princípios que deve orientar o fazer pedagógico, visto que a escola tem crianças de diferentes etnias, credos, níveis de desenvolvimento, estilos de aprendizagem.

Nesse sentido, as crianças não serão silenciadas entre os seus pares, quando expressarem sua cor, a estrutura capilar de seus cabelos naturais, a sua dança, a sua religiosidade, entre outras características que perpassam pelas questões étnico-raciais.

## AS CULTURAS INFANTIS E A SOCIALIZAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Na terceira “mecha” chamamos a atenção para a música “Menina do cabelo crespo”, do educador musical e compositor Marcelo Serralva (Disponível em:

REALIZAÇÃO



APOIO





# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

<https://www.youtube.com/watch?v=Ao8CZH8j20Q>) e outra proposta bastante interessante que “viralizou” na internet no ano de 2022, do Professor de Português e Literatura, o Allan Pereira em um espaço de educação infantil no Jardim América – Rio de Janeiro apresentou para as crianças uma canção infantil antirracista de sua autoria “O meu cabelo é bem bonito” (Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7u35wC5S0u9xGGBow2NRRL>). As abordagens citadas enquanto propostas pedagógicas de musicalização são com o intuito de suscitar diferentes linguagens para discussão das representações étnico-raciais, de maneira lúdica no contexto infantil, “significados que lá circulam dificultam a identificação das crianças com os grupos étnicos que exercem menos poder, como indígenas e negros, uma vez que é quase inexistente a representação desses grupos culturais” (CARVALHAR; PARAÍSO, 2010, p. 50).

Outras propostas que precisamos refletir são às releituras de clássicos infantis, que perpassam pela música, teatro, cinema/filme, novelas, com a ressignificação dos seus protagonistas, valorizando a representatividade negra, pois, quando se faziam presente era em uma condição de subalternidade. A música “Escravos de Jó” muito presente no contexto das instituições infantis, enquanto um jogo/brincadeira pode ser apresentada como “Guerreiros Nagô”, contudo, “sobre a autoria da nova versão não se tem registro, mas está sendo amplamente usada por educadores que promovem uma educação antirracista” (BESSA, 2022, p. 4).

Na atualidade, percebemos uma maior participação da representatividade negra: no teatro, o musical Pequeno Príncipe, tendo o protagonismo de um menino negro; no cinema foi o filme da Disney, a Pequena Sereia, com uma atriz negra protagonista e pôr fim a nova novela, da Rede Globo “Amor Perfeito” (2023) que trouxe uma versão do Marcelino, criança que foi criada por religiosos como no filme “Marcelino Pão e Vinho” (Ladislao Vajda, Espanha, 1955) e que nesta versão da novela, será interpretado pelo ator Levi Asaf, que representou nos palcos, o Pequeno Príncipe. São mudanças ainda tímidas, que possibilitam a reflexão e o debate na sociedade, despertam a defesa do protagonismo negro, possibilitando a percepção da representatividade na socialização das crianças negras.

Para tanto, destacamos o termo representação: “Uma forma de conhecimento e de divulgação do outro. Essa divulgação se dá por um processo de produção de significados em diferentes discursos. Dadas as relações de poder que envolvem [...]” (CARVALHAR; PARAÍSO, 2010, p. 50).

Na literatura infantil, embora o número não seja suficiente, a variedade de obras é bem maior, sobretudo, com a divulgação on-line das chamadas “Afrotecas Audiovisual Infantil”, com histórias desde as mais clássicas como: Menina bonita do laço de fita (Ana Maria Machado), O cabelo de Lelê (Valéria Belém), A cor de Coraline (Alexandre Rampazo), Meu crespo é de Rainha! (Bell Hooks) e nos colocando na condição de aprendizes, destacamos outras descobertas como As tranças de Bintou! (Sylviane A. Diouf) Minha Mãe é Negra Sim! (Patrícia Santana), O Cabelo de Cora (Ana Zarco Câmara), Cada um com seu jeito, cada jeito é de um! (Lucimar Rosa Dias), entre outras.

Além destas, não podemos deixar de citar, o livro intitulado “Na casa da vó Bá” que amplia o nosso leque de literatura sobre esta temática, uma obra da maranhense e Professora da Educação Básica, egressa do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB, Luanda Martins Campos, pesquisadora das questões étnico-raciais, oferece uma riqueza de reflexões a partir das categorias afetividade (afetos), historicidade (memórias) e Identidade (ensinamentos ancestrais/representatividade).

REALIZAÇÃO



APOIO





# III WORKSHOP DO GEPEID

A EDUCAÇÃO INFANTIL, O CUIDAR, O BRINCAR E O EDUCAR: ENTRE O PENSADO E O VIVIDO NA CONTEMPORANEIDADE

A cultura de pares é “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com outras crianças” (CORSARO, 2011, p. 151). Aos educadores cabe mediar, tais atividades com intuito de ampliar as possibilidades de desenvolvimento das crianças, levando em consideração a diversidade das culturas infantis.

## CONSIDERAÇÕES

Com este “trançado”, enfatizamos que para contextualizar as abordagens das questões étnico-raciais no âmbito educacional precisamos iniciar desde a primeira etapa da Educação Básica, ou seja, desde a Educação Infantil.

E o fato de que há bem pouco tempo, não se tinha a discussão desta temática assegurada pelas legislações educativas, retardou-se as reflexões nestes espaços e ainda hoje, não observamos investimentos em formações, contudo, temos a compreensão de que se torna urgente dar visibilidade a história de todos os povos, raças e etnias que contribuíram para a diversidade do povo brasileiro.

Mediante as reflexões aqui sinalizadas, acreditamos que por meio das múltiplas linguagens, podemos nos aproximar da realidade de cada criança, oportunizando às mesmas se reconhecerem enquanto sujeitos de direitos, construir sua identidade e sentirem-se representadas nas suas singularidades étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Infância. Cultura Infantil. Representações Étnico-Raciais.

## REFERÊNCIAS

BESSA, Beatriz de Souza. **Guerreiros nagô**: brincar e refletir o antirracismo na educação básica. XXXII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música - ANPPOM. Escola de Música da UFRN. Natal, 17 a 21 de outubro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010.

CARVALHAR, Danielle Lameirinhas; PARAÍSO, Marlucy Alves. Currículo: questões étnico-raciais e de gênero. **Presença Pedagógica**, v.16, n. 95, p. 24-30, set./out. 2010.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Edith Maria Batista. OBAX e Abayomi: Possibilidades de diálogo com a diversidade étnico-racial no processo de formação docente na educação infantil. *In*: MELO, José Carlos de (Org.). **A Formação continuada de professores da Educação Infantil**: distintas abordagens. São Luís, MA: EDUFMA, 2015.

MARANHÃO. **Documento Curricular do território Maranhense para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV Editora, 2019.

REALIZAÇÃO



APOIO

